

Mais*

FRAGMENTOS DOS SÉCULOS XVII AO XIX SÃO ENCONTRADOS NAS OBRAS DO ARQUIVO PÚBLICO



FOTOS DE MAURO AKIN NASSOR



Clarissa Pacheco
REPORTAGEM
clarissa.pacheco
@redebahia.com.br

VESTÍGIOS

Histórias De grilhões a cerâmicas: peças históricas são encontradas por operários no Arquivo Público

Quatrocentos anos de vida são suficientes para guardar muitas histórias. A Quinta dos Padres, na Baixa de Quintas, em Salvador, guarda memórias de padres jesuítas que viveram lá por quase dois séculos, até que fossem expulsos pelo Marquês de Pombal. Também tem lembranças do período em que funcionou como leprosário, a partir do final do século XVIII, e como um centro de experimentação agrícola. Nos últimos 39 anos, tem guardado registros que contam milhares de histórias sobre a Bahia e o Brasil, desde que passou a funcionar como o Arquivo Público do Estado da Bahia (Apeb).

Agora, o chão onde foi erigido o prédio do século XVI, tombado como patrimônio histórico e cultural desde 1949, pode dizer ainda mais coisas – e, quem sabe, até trazer novas versões sobre a vida de quem passou por ali ou pela vizinhança. É que, em meio ao entulho retirado de uma parte do terreno, onde está sendo construído um anexo, operários da obra acharam mais do que terra: o solo está cheio de fragmentos.

“São cerâmicas, tem grilhões, moedas de diversos períodos, outros tipos de ferramentas. Acredito que são objetos que datam dos séculos

1 Fragmentos
A maior parte dos fragmentos é de cerâmicas, que foram separadas e colocadas sobre duas mesas do Arquivo Público

2 Ferro
Grilhões e outras ferramentas em metal também foram encontradas nas escavações

3 Preservação
A diretora do Arquivo, Maria Teresa Matos, afirma que agora cabe à equipe cuidar do patrimônio arqueológico também

4 Anexo
Fragmentos foram encontrados durante as escavações em local onde vai ser construído um refeitório

XVII ao XIX, mas a pesquisa é que vai dizer melhor”, explica o arquiteto e urbanista Mathews Xavier, chefe de gabinete substituído da Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) na Bahia.

Para não deixar que os achados arqueológicos fossem descartados junto com o entulho, os próprios operários acionaram funcionários do Arquivo Público, que chamaram o Iphan. Nos dias 19 e 20 de fevereiro foram contadas 128 peças, entre elas estruturas metálicas, cadeados, cachimbos, moedas. Depois, os achados se multiplicaram. São tantos fragmentos que duas mesas do Apeb não foram suficientes.

O jeito foi empilhar o material em baldes até que uma equipe de Arqueologia inicie os estudos sobre o material. Enquanto isso, os próprios funcionários separaram os vestígios por tipo. Sobre uma mesa, há pedaços de azulejos que, de acordo com a diretora

do Apeb, Maria Teresa Matos, se assemelham com alguns que já faziam parte do antigo refeitório dos jesuítas.

Outros parecem mais recentes: há pedaços de pratos de louça, cachimbos, o que sobrou de uma colher de metal, uma faca de mesa, um prato e uma caneca do mesmo material. “O pessoal da obra passou a ser parceiro, mesmo. Eles separam o que encontram, limpam e só entregam para o pessoal que trabalha lá poder guardar”, disse um dos 500 pesquisadores que vão lá todo mês.

VALOR HISTÓRICO

Mesmo que o significado e a idade dos vestígios ainda sejam desconhecidos, historiadores e arqueólogos já destacam seu valor histórico. “Aquele prédio, suas paredes e cada cantinho contam histórias inimagináveis”, afirma o professor e historiador Urano Andrade, frequentador do Arquivo Público. Segundo ele, o Arquivo é o segundo do

país em volume – são 7.360,14 metros lineares de documentos –, perdendo só para o Arquivo Nacional.

Mas, qualitativamente, é o mais importante. “Da mesma forma que os documentos, caquinhos que se encontram ali também trazem histórias de vida. Ali teve escravos, africanos livres, muitos foram parar ali, fizeram uma greve”, afirma Urano. O padre Antônio Vieira, por exemplo, viveu na Quinta por 17 anos – e foi lá que escreveu muitas cartas e sermões.

“É justamente através desse material, independente do que seja, que vai se ter uma ideia da vida social daquela época. Diz respeito à forma do tratamento médico para os leprosos”

Embora o maior volume de fragmentos encontrados seja de cerâmica, também há chaves, moedas dos anos de 1768, 1826 e 1970 e até ossos.

●● É justamente através desse material, independente do que seja, que vai se ter uma ideia da vida social daquela época. Diz respeito à forma do tratamento médico para os leprosos **Jaime Nascimento**

Historiador do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB)

Agronegócios Empresas de tecnologia que oferecem soluções para o campo estão presentes na Bahia PÁGS. 12 E 13

Saúde Farmacêuticas estão autorizadas a reajustar os remédios em até 4,33% a partir de abril PÁGS. 14 E 15



2



3



4

“Podem ser ossos humanos, porque o cemitério (Quinta dos Lázaros) só foi aberto depois. Antes, tinha a casa de repouso e os padres tinham o direito de ser enterrados lá. Pode ser também de algum interno do leprosário e pode ser de escravos, porque os jesuítas também tinham escravos”, afirma Jaime.

Para a diretora do Apeb, Maria Teresa Matos, cabe agora à administração cuidar, além do patrimônio documental e arquitetônico, também do acervo arqueológico: “Para o Arquivo, nós entendemos que a descoberta desses vestígios é extremamente significativa e, inclusive vai ao encontro das referências históricas que nós temos em relação à Quinta do Tanque”.

PRESERVAÇÃO

O ideal em situações como essa, em que vestígios arqueológicos são encontrados durante

uma obra, é embargá-la – e, no caso de bens tombados, entrar em contato com o Iphan. É o que explica a arqueóloga Tainã Moura Alcântara, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Ufba (MAE). No caso do Apeb, as escavações foram interrompidas depois do Carnaval.

“A posição onde esse material está no solo diz muita coisa ao arqueólogo, mas a gente só consegue dizer com o contexto preservado”, diz. Ainda não se sabe o que será feito do material, mas não se descarta a ida a um museu. Esse é o desejo da coordenadora de pesquisa do Apeb, Rita Rosado.

Tainã Moura Alcântara chama a atenção para a possibilidade de que os vestígios até revelem novas histórias. “Preservá-los é uma questão de respeito às pessoas que viveram antes da gente. Isso nos ajuda como sociedade a ir para a frente, também”, afirma.

OUTROS ACHADOS

1 METRÔ – ESTAÇÃO CAMPO DA PÓLVORA

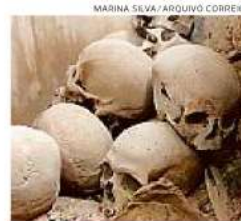
O CAMPO DA PÓLVORA, NO BAIRRO DE NAZARE, EM SALVADOR, FOI ESCAVADO PARA AS OBRAS DO METRÔ DA CAPITAL BAIANA. A PESQUISA ARQUEOLÓGICA MOSTROU QUE NO LOCAL FORAM ENCONTRADOS BOLSOZOS E TRINCHERAS RELACIONADOS À INSTALAÇÃO DA ILUMINAÇÃO PÚBLICA DA CIDADE, ALÉM DE LOUÇAS, CERÂMICAS, GARRIFAS, FRASCOS DE MEDICAMENTOS, TALHERES, FOGÕES, MACHOS E OBJETOS DE CHUMBO.



EVANDRO VEIGA/ARQUIVO CORREIO

2 CATEDRAL BASÍLICA

AS OBRAS DE REFORMA E RESTAURÃO DA CATEDRAL BASÍLICA DE SALVADOR, NO TERREIRO DE JESUS, REVELARAM 13 CRÂNIOS HUMANOS DENTRO DO RETABULO DO ALTAR-MOR DA IGREJA. A DESCOBERTA FOI FEITA EM 2015 E PRESERVADA NA ENTREGA DA CATEDRAL, EM SETEMBRO DO ANO PASSADO.



MARINA SEIVA/ARQUIVO CORREIO

3 RUA CHILE

PEÇAS DE METAL, PINOS EM COBRE, CONCHAS E COBRAS, ALÉM DE RESTOS DE TUILOS, TELHAS E FRAGMENTOS DE LOUÇAS DOS SÉCULOS XVII, XVIII E XIX FORAM ALGUNS DOS OBJETOS QUE SURTIAM NA PESQUISA ARQUEOLÓGICA QUE ANTECEDEU O INÍCIO DAS OBRAS DE REVITALIZAÇÃO DA RUA CHILE, NO CENTRO DE SALVADOR, EM 2016.

4 TERREIRO DE JESUS

EM JANEIRO DESTES ANOS AS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS PARA REVITALIZAÇÃO DO TERREIRO DE JESUS, NO PELOURINHO, REVELARAM CACHIMBOS, CERÂMICA VIOLETA, LOUÇA PORTUGUESA DO SÉCULO XIX, OSTRAS DO MAR METAL E FRAGMENTOS DE VIDRO. NO LOCAL, EXISTEM VESTÍGIOS QUE REMONTAM AO PERÍODO COLONIAL.

5 ESPLANADA

EM 2015, UM LAVADOR DE 60 ANOS DESCOBRIU URNAS INDÍGENAS MILENARES EM SUA FAZENDA, QUANDO PREPARAVA A TERRA PARA UMA PLANTACÃO.

6 PRAÇA DA SÉ

DE ACORDO COM A ARQUEÓLOGA TAINÃ MOURA DE ALCÂNTARA, DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UFBA (MAE), HÁ PESQUISAS QUE APONTAM QUE NA PRAÇA DA SÉ, ANTES DA CHEGADA DOS PORTUGUESES, HAVIA UMA ALDEIA INDÍGENA.

Obras no Arquivo custam R\$ 2,3 mi, sem climatização

As obras de reforma do Arquivo Público do Estado da Bahia (Apeb) começaram em dezembro. Além da construção de um anexo para funcionar como refeitório, depósito e sanitários – justamente no local onde foram encontrados os fragmentos –, também está prevista a reforma nas instalações elétrica e hidrossanitária, um circuito fechado de TV, pintura geral e recuperação das janelas, portas e esquadrias.

A climatização dos depósitos onde ficam os documentos e as áreas técnicas, no entanto, não está inclusa no pacote, que tem previsão para ser entregue em nove meses, contados a partir de dezembro. De acordo com a diretora do Apeb, Maria Teresa Matos, a atual intervenção é uma terceira etapa, mas é preciso mais investimento.

“Novos investimentos estão sendo feitos e entendemos que são importantíssimos para a preservação do patrimônio, mas também fundamentais para a preservação dos arquivos. Contudo, será necessário dar continuidade a outros investimentos e já estamos fazendo a gestão”, diz.

Ao longo dos 39 anos em que o Apeb funciona na Quinta dos Padres, houve tentativas de retirar a documentação de lá, justo porque a umidade no local, onde já houve um tanque, não é propícia à conservação.

O cuidado com o acervo é cobrado por pesquisadores. O CORREIO encontrou pintores de incêndio no prédio, mas até que haja novos investimentos, a estratégia para manter os documentos será organizar as estantes para a ventilação natural.



JEFFERSON PEIXOTO/SECOP PMS

Escavações na Avenida Sete revelaram trilhos e até ossada humana

Trilhos, louças e ossada são achados na Avenida Sete

O lado esquerdo da centenária Avenida Sete de Setembro, Centro de Salvador, tem sido escavado de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h. O trabalho de prospecção arqueológica, que antecede as obras de requalificação, já mostra resultado. No final desta semana, o arqueólogo responsável pela pesquisa, Cláudio César Souza e Silva, anunciou os achados: trilhos de bondes, louças e uma ossada humana.

“Encontramos também parte de estruturas, como argamassa vermelha, datada do século XVIII. Os trilhos são, com certeza, do século XIX”, explicou o arqueólogo. As equipes vêm trabalhando na segunda etapa da obra, entre as Mercês e o São Bento. A primeira fase, já concluída, foi da Casa D’Itá-

lia às Mercês. A terceira e última parte será entre o São Bento e a Castro Alves.

O material coletado será analisado por uma equipe de quatro arqueólogos e dois técnicos no laboratório de Arqueologia da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), no campus de Senhor do Bonfim, Centro-Norte da Bahia.

Embora seja campo fértil à pesquisa do tipo, Salvador não possui cursos de Arqueologia – e na contramão do Nordeste. “Salvador tem uma potencialidade arqueológica incrível. Primeiro, porque é a primeira capital do Brasil. Para além disso, Salvador tem pesquisas de que a Praça da Sé foi uma aldeia indígena anterior à chegada dos portugueses”, afirma a arqueóloga Tainã Moura Alcântara, do MAE/UFBA.